

# Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

*Performing arts and anthropology: a dialogue from  
the popular manifestations of dramatic character*

por Tereza Mara Franzoni

## RESUMO

O artigo aqui apresentado procura trazer algumas reflexões sobre o diálogo e as contribuições dos estudos de antropologia e de artes cênicas, produzidos no Brasil, sobre manifestações populares de caráter dramático. A metodologia de pesquisa consistiu na leitura e reflexão sobre trabalhos de pesquisa produzidos nas duas áreas. A abordagem teve em vista a revisão da literatura antropológica e da literatura das artes cênicas sobre o tema; a análise das formas de abordagens, metodologias, conceitos e principais referenciais teóricos utilizados pelas duas áreas.

**Palavras-chave** Antropologia; Artes Cênicas; Manifestações Populares; Manifestações Políticas

## ABSTRACT

The article presented seeks to bring some reflections about the dialogue and the anthropology studies and performing arts contributions, produced in Brazil about the popular manifestations of dramatic character. The research methodology was to read and reflect on research papers produced in both areas. The approach aims to review the anthropological literature and review the literature produced in the performing arts about it, analyzing the shapes of approaches, methodologies, concepts and major theoretical references used by the two areas.

**Keywords** Anthropology, Performing Arts; Popular Manifestations; Political demonstrations

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

Existem inúmeras manifestações populares que foram se consolidando a partir da utilização de formas de expressões dramáticas. Entre elas, os chamados “folguedos”, festas populares de origem religiosa ou profana (CARNEIRO, 1974), receberam destaque nas pesquisas acadêmicas. Estudos sobre maracatus, cavalcadas, reisadas, festas de santos, bumba-meu-boi, congadas, bois de mamão, marujadas e outros, podem ser encontrados com certa frequência tanto na literatura antropológica antiga e recente, quanto nas pesquisas produzidas nas artes cênicas nas duas últimas décadas. Estudadas sob pontos de vista e com preocupações diversas, estas manifestações foram abordadas tendo-se em vista: produzir uma compreensão histórica sobre elas; compreender seus significados; explicar sua “função social”; explicar ora seu desaparecimento, ora sua permanência, ora sua transformação; abordar sua dimensão espetacular; descrever como os agentes/artistas que as produzem pensam, organizam e apresentam estes “teatros populares”; etc. No rastro destes estudos, utilizando-se de alguns de seus instrumentos teórico-metodológicos, outras manifestações dramáticas, menos regulares, também foram abordadas. Assim, a literatura acadêmica das áreas citadas, passou a tratar também das chamadas “manifestações políticas” como a Marcha Nacional dos Sem Terra, as “passeatas” e “eventos públicos” pela regularização de terras indígenas e quilombolas, assim como situações de conflitos e enfrentamentos violentos, juntamente com outras manifestações públicas que se utilizaram da dimensão espetacular como forma de expressão privilegiada.

Muitas destas manifestações foram estudadas com os nomes de “folclore”, “tradição popular”, “manifestações culturais”, “formas de resistência étnicas”, “formas de expressão artística”, “teatro popular”, “rituais”, “performances”, “manifestações expressivas” ou, simplesmente, “cultura”. Para vários estudos produzidos no Brasil na área de antropologia, estas são manifestações vivas que mobilizam e articulam atores e significados diversos, sua dramaticidade, contudo, nem sempre é problematizada. Para vários pesquisadores das artes cênicas, também no Brasil, essas são expressões artístico culturais marcadas por sua “teatralidade” e/ou “espetacularidade”, que podem ser estudadas tanto por seu caráter espetacular e performático, quanto a partir de elementos da técnica e do fazer “teatral” ali experienciados por aqueles que realizam estas manifestações. As dinâmicas culturais que as envolvem, as redes de sociabilidade nas quais se inserem seus atores, e sua intencionalidade político-social, contudo, nem sempre são problematizadas.

Questões relativas à dinâmica e às transformações destas manifestações; à dramaticidade e as intenções daqueles que a produzem; às relações de poder e suas implicações com o modelo dramático (sua eficácia e importância como forma de expressão da vida coletiva); à utilização da linguagem dramática em manifestações populares menos tradicionais e muitas outras questões são comuns tanto aos estudos de antropologia quanto às pesquisas em artes cênicas. O diálogo entre estas áreas vem sendo feito e ampliado por esforços oriundos dos dois campos de conhecimento, porém, ele é ainda, bastante incipiente e merece ser enriquecido tanto por trabalhos que ofereçam dados empíricos significativos, como por reflexões teórico conceituais. É neste esforço que se insere este artigo, no sentido de contribuir

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

para uma aproximação entre as duas áreas. Neste sentido a proposta consiste em apresentar parte da literatura que vem ensaiando este diálogo e algumas reflexões tendo em vista a aproximação das pesquisas. A pesquisa que fundamenta este artigo (FRANZONI, 2010), parte das seguintes perguntas: como vem se dando o diálogo teórico entre artes cênicas e antropologia nos estudos sobre manifestações populares de caráter dramático? E, como se tem compartilhado e criado conceitos e metodologias de pesquisa na análise dos dados empíricos sobre o tema?

O estudo das manifestações populares de caráter dramático durante muito tempo ficou restrito aos folcloristas<sup>1</sup>. À exceção de alguns autores desse campo, grande parte das pesquisas sobre “folclore” e “cultura popular” classificou estas manifestações como reminiscências do passado rural ou de formas religiosas em processo de extinção ou de degradação decorrente do contato com o ambiente urbano (Ortiz, 1985; Gonçalves, 1996). Esta abordagem foi posteriormente criticada por estudos oriundos das ciências humanas e sociais que passaram a estudá-las a partir de outras perspectivas<sup>2</sup>. As preocupações, inicialmente, não estavam tão distantes dos folcloristas, porém a medida que os estudos vão se desenvolvendo e que os atores/produtores destas manifestações passam a produzir pesquisas e teorias sobre elas o universo explicativo se amplia (Chauí, 1986; Cavalcanti et al, 1992; Monteiro, 2002).

As reflexões, tanto no campo das políticas públicas nacionais e internacionais, quanto no campo intelectual da antropologia contemporânea sobre as manifestações culturais tradicionais nas últimas décadas do século XX, levam ao que Rocha (2009) chamou de uma re-significação do conceito de cultura e ao surgimento do conceito de “cultura imaterial”, também conhecido como “patrimônio intangível”. Este fato teria levado a uma reaproximação da antropologia dos estudos folclóricos, assim como de ambos à noção de “performance”:

*Sem cair no romantismo que caracteriza os estudos folclóricos passados, o que muda nessa nova abordagem da cultura popular à luz do conceito de patrimônio imaterial é a tentativa de restituir ou de dar voz ao “povo”. Daí não parecer ocasional a profusão de estudos sobre performance no campo da cultura popular. Afinal, não só a expressão corporal,*

---

<sup>1</sup> Sílvio Romero e Colto Magalhães são considerados, por vários autores, os precursores dos estudos folclóricos no Brasil (Ribeiro, 2006). A preocupação com o “folclore” como objeto de interesse dos intelectuais brasileiros, no entanto, segundo Rocha (2009), dar-se-á nos anos 20 e se consolida nos anos 30 e 40 do século XX. Ela tem como expressão principal os nomes de Amadeu Amaral e Mário de Andrade. Este último, inclusive, aparecendo como figura fundamental na consolidação de pesquisas que fundamentaram a ideia de “cultura popular” (Travassos 1997; 2002). A principal referência feita a Mário de Andrade nos estudos recentes sobre as festas tradicionais é o livro *Danças dramáticas do Brasil* (Andrade, 1982), que compõe — em especial nos estudos de artes cênicas —, juntamente com o livro *Festas e Civilizações*, de Jean Duvignaud (1983), a referência mais frequente.

<sup>2</sup> Um intelectual importante nesta virada de perspectiva foi o sociólogo Florestan Fernandes (Cavalcanti; Vilhena, 1990). Sua contribuição vinha na esteira de uma perspectiva crítica acerca dos estudos sobre folclore (Fernandes, 1978; Bastide, 1959), e que veio a fundamentar epistemologicamente o conceito de “cultura popular” (Rocha, 2009).

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

*mas também a oral ganham enorme visibilidade e significação na antropologia da performance. (Rocha, 2009, p. 230)*

Citando o estudo de Richard Bauman (1984), *Verbal art as performance*, Rocha (2009) indica que esta aproximação vai ocorrer também no Brasil. Questões relativas à dinâmica destas manifestações, as construções identitárias e aos aspectos políticos e sociais, são ampliadas pela percepção das formas de expressão, da dimensão espetacular do corpo individual e coletivo, das formas de comunicação, da recriação e invenção cotidianas (Jancsó; Kantor, 2001). A etnologia indígena, a antropologia urbana e a antropologia da arte, tiveram um papel importante na produção de pesquisas sobre este tema, olhando para estas manifestações a partir de problemáticas próprias de cada um destes subcampos. Com o crescimento da produção acadêmica universitária do campo das artes cênicas e o surgimento de trabalhos de pesquisa sobre estas manifestações neste campo, novas questões se colocaram e o foco sobre os aspectos dramáticos das manifestações adquiriram novas tonalidades<sup>3</sup>. As artes cênicas trouxeram novos elementos para a reflexão, contribuindo em muitos casos para o questionamento da divisão tradicional entre “arte” e “cultura popular”<sup>4</sup>. Questões relativas à poética, à produção, aos aspectos técnicos, as escolhas estéticas, a comunicação com o “público” e a espetacularização, entre outras passam a ser abordadas sob outros olhares.

Vários intelectuais têm transitado entre as áreas de artes e ciências humanas e sociais, alguns inclusive têm optado por uma formação combinada e pela consolidação de grupos mistos de trabalho e pesquisa. Muitos deles têm sido responsáveis pela aproximação intelectual dos últimos anos e pela produção de eventos e publicações conjuntas. Apenas para citar alguns exemplos indico o Núcleo de Antropologia, Performance e Drama, NUPEDRA, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; o projeto de Pesquisa e extensão Círculo Antropológico da Dança, CIRANDA, vinculado a Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará; o Encontro Nacional de Antropologia e Performance, promovido pelo NUPEDRA; as disciplinas oferecidas pelos programas de pós-graduação que tematizam a relação entre artes cênicas e antropologia como a exemplo da Universidade Federal da Bahia<sup>5</sup>; os nú-

---

3 Enquanto os cursos de pós graduação na área de antropologia remontam aos anos 60, tendo a implantação do ensino de pós graduação nos anos 70 e 80 (Aureliano, 2010), os cursos de pós graduação em artes cênicas iniciam sua ampliação nos anos 90. Bião (2009), indica a seguinte cronologia da pós graduação em artes cênicas no Brasil: USP (1972 mestrado e 1980 doutorado em Teatro); UNICAMP (1980 mestrado e 2003 doutorado em Artes); UNIRIO (1991 mestrado e 2000 doutorado em Teatro); UFBA (1996 mestrado e 1999 doutorado em Artes Cênicas); UDESC (2002 mestrado em Teatro); UFRGS (2006 mestrado em Artes Cênicas).

4 Vale citar os estudos sobre formas animadas publicados na Revista Moin-Moin que têm tematizado manifestações populares brasileiras como o mamulengo (Brochado, 2006), o bumba-meu-boi (Borrvalho, 2006), o boi de mamão (Beltrame, 2007) e o “teatro popular” em geral — aqui também o mamulengo — (Brochado & Ribeiro, 2011) a partir de um olhar sobre a artisticidade, a dramaturgia, a performance e outros aspectos destas manifestações.

5 Alvim (2008) cita as disciplinas de Etnocologia e Festas e Espetacularidade oferecidas pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da UFBA. Esta última disciplina deu origem ao →

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

cleos de pesquisa GESTO, Grupo de Estudos em Oralidade e Performance, e MUSA, Núcleo de Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e no Caribe da Universidade Federal de Santa Catarina; entre outros.

O diálogo entre as duas áreas, contudo, parece ainda incipiente no caso brasileiro e merece um investimento acadêmico neste sentido, o que deverá trazer contribuições a médio e longo prazo, não só do ponto de vista da produção e da pesquisa universitária, como também na elaboração e definição de políticas públicas que atuam sobre este tipo de manifestação popular. Por um lado, a aproximação da reflexão teórica e das pesquisas empíricas deve refletir diretamente na formação de profissionais nas duas áreas. Estas áreas são responsáveis pelo fornecimento de inúmeros profissionais que elaboram políticas culturais no âmbito governamental, definindo ações e recursos que podem afetar diretamente os produtores das chamadas manifestações populares e aqueles que usufruem delas, assim como os agentes culturais num sentido mais amplo. Neste sentido, a ampliação do diálogo acadêmico entre artes cênicas e antropologia, com a decorrente produção intelectual de pesquisas sobre o tema, deverá contribuir tanto para o refinamento dos estudos e pesquisas sobre manifestações populares, como para a elaboração de políticas culturais mais adequadas, mais dinâmicas e menos estanques em relação às concepções sobre “arte” e “cultura popular”.

Faz-se importante esclarecer que esta reflexão parte de alguns pressupostos, cujos fundamentos estão tanto no referencial teórico aqui proposto, quanto na experiência de pesquisa em dados empíricos com manifestações populares de caráter dramático da autora deste artigo (FRANZONI, 2012). Um primeiro pressuposto é de que as manifestações populares de caráter dramático podem ser consideradas enquanto meios de expressão da vida coletiva (GEERTZ, 1991) e, neste sentido, faz-se fundamental considerar as dimensões temporais destas ações, sua natureza pública e sua capacidade de mudar opiniões. Este foi também o esforço teórico feito por Geertz no livro *Negara* (1991), ao estudar o Estado balinês do século XIX, mostrando como as redes de relações sociais e a ação política se realizavam por meio da espetacularidade. Este autor se perguntava: qual a particularidade daqueles eventos espetaculares? Quais suas implicações para a vida social? Quais os detalhes que o individualizam? Qual sua força restauradora? E, qual sua força modificadora? Estas questões podem ser ampliadas por outras, como por exemplo: qual a “eficácia” deste tipo de teatralidade? Como se constrói sua dramaturgia? Sobre o que falam as diferentes performances? Como se modificam? Algumas destas questões foram colocadas por estudiosos da performance e do ritual, como Scherchner (1985), Turner (1988) e Tambiah (1985). Por fim, ainda outra questão poderia ser colocada: qual é a agência efetiva daqueles que produzem e atuam nestas manifestações? Preocupação presentes nos trabalhos de Gell (1998) e de Ortner (2007).

---

→ artigo publicado por Alvim sobre a Festa do Congado, juntamente com outros sobre manifestações populares diversas, no Caderno de número 20 do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade (Caderno do GIPE-CIT, 2008).

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

Alguns autores estão no fundamento de muitas destas questões e, por vezes, são também o ponto contra o qual elas se colocam. Eles se tornaram referências teóricas para vários campos do conhecimento que abordaram as manifestações populares de caráter dramático. Uma das principais referências neste caso foi Victor Turner (1974) que elaborou a noção de “dramas sociais” e posteriormente utilizou-se da noção de “performance” para as sociedades contemporâneas (TURNER, 1982 e 1988). Nos fundamentos deste, e em diálogo com ele, estão Van Gennep (1978) que ficou conhecido por sua teoria sobre os “ritos de passagem”, na qual Turner se baseia, e Goffman (1985) que utiliza a linguagem dramatúrgica para análise de situações cotidianas. Outro autor, importante, cujo diálogo se dá mais diretamente com o campo da sociologia do teatro é Duvignaud (1970; 1980; 1983), que desenvolve estudos sobre o teatro enquanto manifestação artística sociológica, desenvolvendo também estudos sobre a relação entre festas populares e sociedade.

Para a atualização e crítica desta literatura é importante levar em conta a revisão feita por Geertz (2001) e a proposta de Scherchner (1985), já citado, sobre o tema. Estes devem ser considerados também para os desdobramentos do conceito de “performance” numa interface direta entre teatro e antropologia (SCHERCHNER, 2003 e 2000 e TURNER 1982). Estas elaborações teóricas foram incorporadas, revistas e criticadas por outros autores que também contribuíram para a compreensão das aproximações e distanciamentos entre antropologia e teatro. Entre eles estão, De Marines (1997) e Pavis (2003) que situaram as contribuições de Duvignaud, Goffman, Turner, Scherchner e do próprio Geertz no diálogo entre teatro e antropologia, assim como suas diferenças em relação à antropologia teatral de Eugênio Barba. Nesta linha é possível citar também as formulações de Dawsey (2005 e 2006), Silva (2005) e Beeman (2008) que procuram discutir os conceitos de performance, no caso do primeiro e do segundo e teatro e espetáculo, no caso do terceiro. O diálogo entre antropologia e teatro, contudo, não é uma discussão livre de conflitos à medida que não só tenta aproximar duas áreas do conhecimento, como também, formas de conhecer diferenciadas, como discute Lagrou (2003) para o caso da relação entre antropologia e arte.

Outra sugestão para a reflexão é a de que as manifestações populares de caráter dramático são, não só formas de expressão da vida coletiva, como também espaços de sociabilidade e de intensa produção social. Daí advém a importância da ideia de agência para compreender a ação daqueles que produzem estas manifestações. O conceito de sociabilidade adotado aqui vem de Georg Simmel (2006) para quem a sociabilidade teria uma “natureza democrática”. Ela se constitui em relações que se pretendem entre “iguais”, entre pessoas que não se pautam por relações hierárquicas, por idiosincrasias, mas pelo desejo de estarem juntas (SIMMEL, 2005). A democracia da sociabilidade é, no dizer de Simmel, “um jogo de cena”, pois a sociabilidade “é um mundo artificial, construído a partir de seres que desejam produzir exclusivamente entre si mesmos essa interação pura que não seja desequilibrada por nenhuma tensão material” (2006, p. 70). Este “faz de conta” não é, contudo, uma mentira.

Na sociabilidade encontramos tudo que pode ser definido na forma sociológica do jogo: “O jogo da sociedade tem um duplo sentido profundo, a saber: não somente joga

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

na sociedade aquele que a mantém externamente, mas com ele ‘joga-se’, de fato, ‘a sociedade’” (Simmel, 2006, p. 72). Para Simmel a sociabilidade é também “a forma lúdica das forças éticas da sociedade concreta” (p. 77). Pois, as formas de sociabilidade fornecem uma “miniatura do ideal de sociedade que se poderia chamar de liberdade de associação” (p. 78). Para este autor, o jogo revela “esteticamente”, aquilo que a realidade exige em termos “éticos”. Num jogo aparentemente autônomo podemos viver e sentir as forças da realidade mais profunda. É, neste sentido, como um jogo profundo (Geertz, 1989), experimentado nos espaços de sociabilidade, que teríamos um espaço/tempo fundamental para reflexão e criação social, sendo também sentida quando de sua ausência ou da restrição de seus espaços. No mundo contemporâneo, esta ausência ou restrição causaria não só um estranhamento como uma espécie de consciência exacerbada, além de uma demanda cada vez maior por espaços que a possibilitem (Simmel, 1989). Teríamos assim, ao contrário do que pensavam os folcloristas e mesmo os antropólogos, um recriar, reviver e principalmente um inventar de festas, tradições, comemorações, identidades, associações, culturas e tudo mais (Sahlins, 1997).

Nos estudos sobre as manifestações populares, em especial sobre as festas, o tema da sociabilidade tem vindo à tona nos últimos anos (Jacsó; Kantor, 2001; Leonel, 2010). Tanto no campo das artes cênicas como da antropologia, esses estudos vêm dialogando diretamente com a noção de “jogo”, nos quais um dos principais livros de referência tem sido *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*, de Huizinga (1992). Outra noção importante nestes estudos é a de “carnavalização” que vem principalmente através da obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, de Bakhtin (1999).

Nesta perspectiva, tratar os eventos e manifestações como espaços de sociabilidade, pode contribuir para não “cairmos” numa visão estritamente utilitarista da ação humana ou em uma visão estritamente determinista da cultura, na medida em que o conceito de sociabilidade permitiria levar em conta as relações entre cultura e subjetividade. Ela é, como diz Simmel, “um jogo de cena”, que experimenta não só o que existe, mas o que pretende enquanto utopia. Como no caso dos dramas sociais estudados por Turner (1974 e 1982), temos o que ainda não é possível no cotidiano da ordem vivida. Abre-se assim um espaço de criação e experimentação. Muitas vezes se experimenta contra o que existe, caso apontado por Turner (1974) para a “anti-estrutura”. Da mesma forma, muitos dos espaços de sociabilidade criam o que este autor chama de “communitas”, ao procurarem “eliminar” as hierarquias sociais, as diferenças de personalidades, etc.

As pesquisas sobre manifestações populares de caráter dramático trazem para o debate muitas das questões colocadas acima. Beltrame (2007), por exemplo, realiza uma reflexão sobre as relações entre técnica, tradição e inovação na brincadeira do boi-de-mamão de Santa Catarina. Outro trabalho que traz à tona a questão da inovação, apontada na relação entre tradição e modernidade, é o estudo de Borralho (2006) sobre

---

6 Ver também Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades (2008).

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

o bumba-meu-boi do Maranhão. A questão da intencionalidade e da relação com o público por um lado, a questão dos parâmetros oferecidos por estudos anteriores e a incorporação de novos elementos animados por outro; são tratadas nestas pesquisas. A etnografia de Menezes Bastos (1993) sobre a farra do boi em Santa Catarina também coloca em pauta a relação entre a tradição e a “modernidade” e sua complexidade em um mundo globalizado. A relação dos brincantes com o “público” é, neste caso, ampliada para tratar também da relação com a mídia e com o Estado.

As relações entre manifestações populares e política, entendidas aqui enquanto relações de poder, é uma problemática recorrente, especialmente nos trabalhos que tratam destas manifestações enquanto mecanismos de reconhecimento e promoção de determinados coletivos. O artigo de Chaves (2000) sobre a marcha nacional dos Sem Terra e o artigo de Oliveira (2003) sobre o culto dos mártires Cunhaú no Rio grande do Norte, apontam para este caminho. Neste sentido também, não é incomum encontrarmos entre as manifestações populares estudadas a partir da problemática do poder, as festas populares. O artigo de Menezes Bastos (2001) sobre a festa da Jaguatirica no Alto Xingu, que propõe discutir a questão à luz da história do ritual da festa; a dissertação de Ferreira (2009) que trata dos forrós de São Tomé no Rio Grande do Norte; e o livro de Tassinari (2003) sobre as festas entre os Karipuna no Amapá, e a tese da autora do presente artigo (FRANZONI, 2012), são exemplos de trabalhos com esta preocupação.

Além dos acima citados, inúmeros estudos na área de antropologia vêm compartilhando e construindo um vocabulário teórico conceitual para o estudo dos “dramas sociais” e para o desenvolvimento de novas áreas de estudo como no caso da antropologia da performance. A reflexão sobre esta produção, seus limites e possibilidades tem sido feita em vários trabalhos. Cito aqui os artigos reunidos por Mariza Peirano (2001) propondo o ritual como estratégia de análise e abordagem etnográfica; as reflexões de Jean Langdon (1996 e 2007), sobre o conceito de performance e a revisão teórica elaborada por Sônia Maluf (2002) sobre o conceito de corpo e corporalidade na contemporaneidade. Assim também a retomada de estudos que tratam não só das manifestações populares mas da forma como nós pesquisadores as construímos e consolidamos seus usos por parte das políticas governamentais que recaem sobre elas. Neste sentido vale ler o estudo de Raposo (1998) sobre o Auto de Floripes em Portugal, mostrando como a estetização da “cultura popular”, na condição de “folclore”, esteve permeada pelas relações de poder e pela rede política local. Vale também retomar os trabalhos Ortiz (1985; 1986) e outros sobre a contribuição dos intelectuais na construção da identidade nacional brasileira. E, por fim, atentar para a sugestão de Rocha (2009), ao nos propor a leitura de Roy Wagner (1981) para quem a cultura é uma invenção. Porém, e é para isto que Rocha chama a nossa atenção, não por se tratar de uma ficção, mas porque é resultado de uma atividade criativa. Neste sentido, o estudo da cultura é também cultura. Entendemos que ela é uma “invenção” pois também a inventamos e a experimentamos desta forma. Assim, afirma Rocha (2009) sob o ponto de vista de Wagner (1981), o mesmo princípio que aplicamos àqueles que estudamos, aplica-se a nós mesmos.



## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

### Referências

- > ALVIM, Valeska R. A tradição e a reinvenção em um olhar sobre a festa do congado. In: **Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade** n. 20/ Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Salvador: UFBA/ PPGAC, 2008.
- > **Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades**, set/ 2008. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em WWW no URL <http://anaiscolouiofestas2.wordpress.com/nomedoarquivo.html>. Acessado em 02/agosto/2012.
- > ANDRADE, M. de. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- > AURELIANO, Waleska Araujo. A Antropologia Brasileira: breves indagações sobre a história de um campo em expansão. **Boletín de Antropología Universidad de Antioquia**, Vol. 24 N.º 41 pp. 432-452, 2010.
- > BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec/ UnB 1999.
- > BASTIDE, R. **Sociologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Anhembi, 1959.
- > BAUMAN, Richard. **Verbal art as performance**. Illinois: Waveland Press, 1984.
- > BEEMAN, William O. **The anthropology of theater and spectacle**. Annual Reviews of Anthropology, n. 22. p. 369-393, 1993. Disponível em: [arjournals.annualreviews.org](http://arjournals.annualreviews.org). Acesso em: 15 sep. 2008.
- > BELTRAME, Valmor Níni. O ator no boi-de-mamão: reflexõe sobre tradição e técnica. **Móin-Móin: Revista de estudos sobre teatro de formas animadas**. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano 2, v.3, 2007.
- > BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.
- > BORRALHO, Tácito. Os elementos animados do bumba-meu-boi do maranhão. **Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**. N.2. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano2, 2006.
- > BROCHADO, Izabel & RIBEIRO, Kaise H. T. Aspectos dramaturgicos do teatro de bonecos popular. **Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**. N.8. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano7. 2011.
- > BROCHADO, Izabela. O mamulengo e as tradições africanas do teatro de bonecos. **Móin-Móin: Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas** N.2. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano2, 2006.
- > **Caderno do GIPE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade/ Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro / Escola de Dança. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. — N. 20, maio. 2008. Salvador (Ba): UFBA/ PPGAC, 2008.**
- > CARNEIRO, E. **Folguedos tradicionais**. Rio de Janeiro: Conquista, 1974.

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

- › CAVALCANTI, M. L.; VILHENA, L. R. Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore. **Estudos Históricos**, 5: 75–92, Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- › CAVALCANTI, M. L. Et all. Os estudos de folclore no Brasil. in **CNFCP–Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate [série Encontros e Estudos]**. Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, pp. 101–112. 1992.
- › CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência – aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986
- › CHAVES, Christine de Alencar. Introdução. In: **A Marcha Nacional dos Sem-Terra. Um estudo sobre a fabricação do social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- › DAWSEY, John C. O teatro dos “bóias-frias”: repensando a antropologia da performance. **Horizontes Antropológicos**. ano 11, n. 24, p. 15–34, 2005.
- › DAWSEY, John C. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. **Revista Campos** 7(2), 2006.
- › DE MARINES, Marco. **Comprender el teatro: Lineamentos de una nueva teatología**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1997.
- › DUVIGNAUD, Jean. **Espectáculo y Sociedad**. Caracas: Tiempo Nuevo, 1970.
- › DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- › DUVIGNAUD, Jean. **Sociologia del Teatro** (Ensayo Sobre las Sombras Colectivas). México: Fondo de Cultura Económica, 1980.
- › FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- › FERREIRA, Flávio Rodrigo Freire. **Os forrós da Serra da Gameleira (São Tomé/RN): etnicidade, festa e sociabilidade**. [dissertação de mestrado] Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.
- › FRANZONI, Tereza Mara. **Sociabilidade e poética em manifestações populares de caráter dramático: um diálogo entre antropologia e artes cênicas**. [Projeto de pesquisa 2010–2013]. Florianópolis: Departamento de Artes Cênicas; Centro de Artes; Universidade do Estado de Santa Catarina, 2010.
- › FRANZONI, Tereza Mara. **Teatralidade e sociabilidade no planejamento urbano na Ilha de Santa Catarina: um caminho entre o passado e o presente, a técnica e a política, a política e a festa**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- › GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- › GEERTZ, Clifford. **Negara: O Estado teatro no século XIX**. Lisboa, Rio de Janeiro: Difel, Bertrand Brasil, 1991.
- › GEERTZ, Clifford. **O saber local**. 4a ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- › GELL, A. **Art and Agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

- > GOFFMAN, Ervin. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Rio de Janeiro, Vozes, 1985.
- > GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda. Os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Iphan, 1996.
- > HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- > JANCSÓ, I.; KANTOR, I (orgs). **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2001.
- > LAGROU, Else. Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio. **Ilha, Revista de antropologia**. Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.
- > LANGDON, Jean. **Performance e preocupações Pós-Modernas na Antropologia. Antropologia em Primeira Mão**. PPGAS/UFSC: Florianópolis, 1996.
- > LANGDON, Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico: A contribuição da abordagem de Bauman e Briggs. **Antropologia em Primeira Mão**. PPGAS/UFSC: Florianópolis, 2007. Disponível em <http://www.antropologia.ufsc.br/artigo%2094%20rafael.pdf>. Acesso em: 03/06/2008.
- > LEONEL, Guilherme G. Festa e sociabilidade: reflexões teóricas e práticas para a pesquisa dos festejos como fenômenos urbanos contemporâneos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte: PUC-Minas, v.11, n. 15, 2º sem. 2010.
- > MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços: Revista do programa de pós graduação em história da UFSC**. Chapecó: UFSC [Dossiê Corpo e história] 2002.
- > MENEZES BASTOS, Rafael José de. À luz de Dioniso — uma contribuição à etnografia do Boi no campo (Farra do Boi) Catarinense. In: MENEZES BASTOS, Rafael José de Menezes (org.). **Dioniso em Santa Catarina: ensaios sobre a farra do boi**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.
- > MENEZES BASTOS. Ritual, história e política no Alto Xingu: observações a partir dos Kamayurá e da festa da Jaguatirica (Jawari). In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.). **Os povos do Alto Xingu. História e cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- > MONTEIRO, M. F. M. **Espetáculo e devoção: burlesco e teologia-política nas danças populares brasileiras**. São Paulo, Tese (Doutorado em Filosofia) — Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2002.
- > OLIVEIRA, Luiz Antônio de. O teatro da memória e da história: alguns problemas de alteridade nas representações do passado presentes no culto aos mártires de Cunhaú — RN. **MNEME — Revista de humanidades**. V.4. n. 8 abril/setembro de 2003.
- > ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

- > ORTIZ, Renato. **Cultura popular e os Românticos e folcloristas**. São Paulo: PUC-SP, 1985.
- > ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornélia; FRY, Peter Henry. (org) **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas** [Reunião Brasileira de Antropologia 25a – Goiânia, 2006]. Blumenal: Nova Letra, 2007.
- > PAVIS, Patrice. 2a ed. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- > PEIRANO, Mariza. (org) **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- > RAPOSO, Paulo. **O Auto de Floripes: “cultura popular”, etnógrafos, intelectuais e artistas**. Etnográfica, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Vol. II, n. 2, 1998
- > RIBEIRO, Cristina B. **Folclore e nacionalidade na literatura brasileira do século XIX**. Tempo. UFF, Vol. 10, n. 20, pp. 155–170, 2006.
- > ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. Mediações: **Revista de Ciências Sociais**. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina. Vol. 14, n. 1, p. 118–236, jan/jun. 2009.
- > SAHLINS, Marshall. **O Pessimismo sentimental I e II**. Mana 3/1. Museu Nacional. Rio de Janeiro, abril e outubro. 1997.
- > SCHECHNER, Richard. **Between Theater and Anthropology**, University of Pennsylvania Press, 1985.
- > SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**, London: Routledge, 2003.
- > SCHECHNER, Richard. **Performance: teoría y prácticas interculturales**. Buenos Aires: Rojas: UBA. 2000.
- > SILVA, Rubens Alves da. **Entre “arte” e “ciência”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais**. Horizonte Antropológico v. 11 n. 24. Porto Alegre. Julho/dezembro de 2005.
- > SIMMEL, Georg. **Philosophie de la Modernité. La femme, la ville, l’individualisme**. Paris: Payot, 1989.
- > SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.
- > SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, Jessé & ÖELZE, Berthold. 2005. **Simmel e a modernidade**. 2a. ed. Brasília: UNB, 2005.
- > Tambiah, Stanley J. **Culture, Thought, and Social Action. An Anthropological Perspective**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, pp. 123–166.1985.
- > TASSINARI, Antonella M. I. **No bom da festa: O processo de construção cultural das família karipuna do Amapá**. São Paulo: Edusp, 2003.
- > TRAVASSOS, Elizabeth. **Os mandarins milagrosos: arte e etnogafia em Mário de Andrade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

## Artes cênicas e antropologia: um diálogo a partir das manifestações populares de caráter dramático

- > TRAVASSOS, Elizabeth. Mário e o folclore. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Mário de Andrade**, 30: 90–109, Brasília: IPHAN/Minc, 2002.
- > TURNER, Victor Witter. **From ritual to theatre**. New York: PAJ Publication, 1982.
- > TURNER, Victor Witter. **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publication, 1988.
- > TURNER, Victor. **O processo ritual**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- > VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- > WAGNER, Roy. **The invention of culture**. Chicago: The University of Chicago, 1981.

**Tereza Mara Franzoni**, doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina

*tfranzoni@gmail.com*